

## PESQUISA QUANTITATIVA E QUALITATIVA: PERSPECTIVAS PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO\*

Carlos Augusto Lima Ferreira\*\*

**Resumo:** o trabalho apresenta aspectos dos métodos científicos de investigação qualitativos e quantitativos e suas principais problemáticas que vêm ganhando visibilidade na pesquisa e reflete como esses aspectos se apresentam nos campos do conhecimento. O objetivo a que se propõe o artigo é fazer uma reflexão teórica dos métodos referidos, evidenciando as possibilidades do emprego de ambos nos estudos da educação que, apesar de suas características próprias, são complementares. As investigações quantitativa e qualitativa trazem várias vantagens e desvantagens, dependendo do que busquem o pesquisador e sua área de interesse.

**Palavras-chave:** Educação. Pesquisa Qualitativa. Pesquisa Quantitativa. Conhecimento.

### QUANTITATIVE AND QUALITATIVE RESEARCH: PERSPECTIVES TO THE EDUCATIONAL FIELD

*Abstract: this paper presents aspects of scientific methods of qualitative and quantitative research and its main problem that has been gaining visibility in the research and how they present themselves in the knowledge fields. The main objective is a theoretical reflection of the referred methods, showing the possibilities of employing both in the educational studies, which despite its own characteristics, are complementary. The quantitative and qualitative investigations brings several advantages and disadvantages, depending on what may the research agent seeks and his area of interest.*

**Keywords:** Education. Qualitative Research. Quantitative Research. Kno.

---

\* Recebido em: 30.09.2015. Aprovado em: 28.10.2015. Este texto é parte integrante da tese de Doutorado concluída em 2003, no Departamento de Educação da Universidade Autônoma de Barcelona - UAB e revisto para esta publicação.

\*\* Doutor em Educação e Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atua nos cursos de História e Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em História (mestrado). E-mail: caugusto@uefs.br



Apesar de árduo e solitário, o processo de pesquisar é também um desafio, pois a paixão pelo desconhecido, pelo novo, pelo inusitado acaba por invadir o espaço do educador, trazendo-lhe alegrias inesperadas.

Ivani Catarina Arantes Fazenda

A temática formação de professores e suas implicações na atuação docente impõe aos pesquisadores a busca por entender os variados aspectos da docência, o trabalho cotidiano desses profissionais e ainda os seus anseios na relação com os estudantes, a partir da realidade por ambos vivenciada. Assim, para entender esse universo, o pesquisador passa a pesquisá-lo de forma sistemática, ou seja, levanta questões a serem investigadas e que o inquietam.

Portanto, uma pesquisa se inicia a partir de um questionamento do pesquisador e termina com uma produção que leva a novas interpretações do cenário estudado. Desse modo, considero, tal qual Minayo (2000), que a pesquisa é um caminho sistemático que busca indagar e entender o tema de estudo, desvendando os problemas da vida cotidiana, através da relação da teoria com a prática.

A questão metodológica na pesquisa tem passado por distintas etapas nas diversas áreas do conhecimento. No campo da Educação, as concepções de ordem quantitativas e qualitativas vêm descortinando um novo panorama para o pesquisador. Nessa direção, é importante compreendermos a utilização desses diferentes métodos de pesquisas, como caminhos que nos proporcionam a visão de um leque de possibilidades investigativas, sobretudo, pelo fato da educação ter, entre outros, o ser humano como objeto de pesquisa.

Historicamente marcado por debates entre os pesquisadores “quantitativistas” e “qualitativistas”, hoje vemos um crescimento do número de abordagens que se utilizam dos dois métodos para coleta e análise de dados. Por conseguinte, o objetivo a que se propõe este texto é analisar e refletir sobre as metodologias qualitativa e quantitativa, evidenciando as perspectivas de utilização de ambas, nos estudos referentes à educação, notadamente, na área da formação de professores.

#### O DEBATE: AS ABORDAGENS QUANTITATIVAS E QUALITATIVAS

A ciência ocidental pode ser dividida, numa classificação básica, em ciências matemáticas, da natureza e ciências sociais. Estando a Educação inserida no âmbito das ciências sociais, faz-se mister entender e aprofundar conhecimentos sobre esse campo científico.

Para Minayo (1998), a principal diferença entre as ciências sociais e humanas — nas quais se situam a história e a educação — e as ciências físico-naturais e matemáticas consiste no fato de que o pesquisador social se propõe, na primeira, a estudar como objeto de pesquisa o próprio ser humano, enquanto, na segunda, os objetos de estudo são números, coisas, seres inanimados ou a fauna e flora.

O objeto de estudo das ciências sociais é *sui generis*: possui características específicas, pois é um ser histórico e, por isso, dotado de consciência histórica; sua natureza é basicamente qualitativa, uma vez que a realidade social é complexa, mutável e determinada por múltiplos fatores, como o político, o cultural, o econômico, o religioso, o físico e o biológico; além disso, existe uma identidade natural entre sujeito e objeto, já que ambos são seres da mesma espécie e dessa forma solidários e cúmplices. As ciências sociais são ideológicas, em sua essência, portanto a “visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais estão implicadas em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho” (MINAYO, 1996, p. 20-21).

Contudo, como as ciências sociais — com seu objeto de estudo diferenciado — são novas, em comparação com as demais ciências, buscaram realizar seus estudos, utilizando-se de princípios, metodologias e técnicas científicas usuais, na tentativa de serem aceitas, também, como ciência. A citação de Maria Helena Chauí, sobre esta questão, é explicativa:

(...) por terem surgido no período em que prevalecia a concepção empirista e determinista da ciência, também procuraram tratar o objeto humano usando os modelos hipotético-indutivos e experimentais de estilo empirista, e buscavam leis causais necessárias e universais para os fenômenos humanos. Como, entretanto, não era possível realizar uma transposição integral e



perfeita dos métodos, das técnicas e das teorias naturais para os estudos dos fatos humanos, as ciências humanas acabaram trabalhando por analogia com as ciências naturais e seus resultados tornaram-se muito contestáveis e pouco científicos (CHAUÍ, 2000, p. 271).

Desta forma, conforme observa Pedro Demo (1985), as ciências sociais podem optar por uma postura das ciências naturais, enfatizando as quantidades observadas na realidade social com uma abordagem empirista, “mensurável, testável, operacionalizável”, reduzindo esta realidade “à sua expressão empírica, sobretudo por razão do método”. (DEMO, 1995, p. 23). Essa concepção positivista tem um peso muito grande nas ciências sociais, desde o século XIX, quando representada por Auguste Comte, até o século XX, com os fundamentos de Durkheim. Resultam daí as afirmações de Durkheim sobre fatos sociais:

É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (DURKHEIM, 1995, p. 11).

E continua afirmando:

Precisamos, pois, considerar os fenômenos sociais em si mesmos, destacados dos indivíduos conscientes que formulam representações a seu respeito; é necessário estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nesta qualidade que se apresentam a nós... e mesmo que, afinal de contas, os fenômenos sociais não apresentem todos os caracteres intrínsecos de coisas, deveriam primeiramente ser tratados como se os possuíssem. Esta regra se aplica, pois, à realidade social inteira, sem que haja razão para exceção alguma (Ibid. p. 24).

Contudo, ainda de acordo com Pedro Demo (1995), as ciências sociais podem adotar uma postura própria, na qual o cerne da pesquisa é o conteúdo, “as dimensões humanas que não se reduzem a expressões materiais, como cultura, educação, mundo simbólico, arte, ideologia”, e não, apenas, a quantificação de fenômenos sociais.

O debate entre estas abordagens quantitativa e qualitativa é antigo nas ciências. Sua diferença básica é a forma como os cientistas representam o real, percebendo a realidade social através de números (para os quantitativistas) ou de aspectos subjetivos (para os qualitativistas).

A origem do quantitativismo está associada à filosofia da ciência, com Galileu e Newton, e está presente na linha de pensamento empirista e positivista. O empirismo entende que o conhecimento científico está nos fatos, então o trabalho científico deve primar pela purificação do objeto, relegando-se o que não é essencial, para que o pesquisador possa descrever os fatos gerais e reproduzíveis. O positivismo percebe o avanço das sociedades como fenômeno motivado, apenas, pelo desenvolvimento tecnológico, principalmente, decorrente das ciências naturais.

Segundo Hughes apud Tenório, s.d., os princípios positivistas consideram que os dados brutos (que são observáveis e objetivos) representam a realidade, enquanto as crenças e valores culturais da sociedade são realidades subjetivas que dependem dos dados brutos para serem compreendidos.

Assim, “a principal influência do positivismo sobre as ciências sociais foi a utilização dos termos de tipo matemático para a compreensão da realidade e a linguagem de variáveis para especificar atributos e qualidade do objeto de investigação” (HUGHES apud MINAYO, 1996, p. 23).

Wilson (1986) afirma que, de acordo com o ponto de vista de quantitativistas, uma pesquisa só terá validade científica, se der margem à classificação, testagem de hipótese, medição e tabulação, com todo esse processo carregado de uma estrutura e de uma forma tão rígida que, nos seus resultados, não revelará nenhum aspecto significativo dos fenômenos sociais.

Sobre este aspecto, Minayo argumenta:

a grande questão em relação à quantificação na análise sociológica é a sua possibilidade de esgotar o fenômeno social. Corre-se o risco de que um estudo de alto gabarito do ponto de vista matemático ou estatístico, em que toda a atenção se concentre na manipulação sofisticada dos instrumentos de análise - portanto, competente do ponto de vista estatístico - despreze aspectos essenciais da realidade. E muitas vezes teremos uma ‘resposta exata’ para ‘perguntas erradas ou imprecisas (MINAYO, 1996, p. 30).



Para os pesquisadores que defendem essa linha, o aspecto qualitativo tem natureza subjetiva — imprópria para o fazer científico, portanto essas características devem ser removidas do processo de pesquisa através de abordagens que envolvam o caráter qualitativo (WILSON, 1986).

Já a gênese do aspecto qualitativo da pesquisa está na crítica do positivismo, através, por exemplo, de Max Weber. Muitas vezes, sob o título de pesquisa qualitativa, “encontram-se variados tipos de investigação, apoiados em diferentes quadros de orientação teórica e metodológica, tais como a etnografia, o materialismo histórico e a fenomenologia” (GODOY, 1995, p. 61).

A abordagem qualitativa na pesquisa possui algumas características básicas, comentadas por GODOY (1995, p. 62-63), tais como: o estudo empírico é realizado no seu ambiente natural, pois os fatos sociais têm que ser observados e analisados inseridos no contexto ao qual pertencem, através de contato direto, desempenhando o pesquisador um papel fundamental na observação, seleção, consolidação e análise dos dados gerados; como os diferentes tipos de dados existentes na realidade são considerados importantes para a compreensão do fenômeno social em estudo, o pesquisador realiza entrevistas, reúne fotografias, desenhos e depoimentos e outros dados que ajudam na descrição do fato; o trabalho é realizado com base na perspectiva que as pessoas pesquisadas têm sobre o objeto de estudo, devendo-se primar pela fidedignidade desses dados obtidos; a análise dos dados computados é feita de forma indutiva e, ao longo dela, dá-se a construção paulatina do quadro teórico, sem a formulação de uma hipótese anterior que precisa ser testada com a pesquisa.

Buscando, agora, os autores clássicos que mais contribuíram para a consolidação do pensamento sociológico é importante analisar o que Max Weber, Karl Marx e Durkheim trouxeram de contribuição sobre as abordagens qualitativas e quantitativas nas ciências sociais. De acordo com Freund (1987), a objetividade era uma característica de Max Weber que se fazia sentir no recorte de um objeto de estudo ou na produção de instrumentos claros para a definição deste objeto.

O método utilizado poderia ter uma ênfase maior na abordagem quantitativa ou qualitativa, a depender das circunstâncias e do objetivo da pesquisa. Contudo, a utilização apenas de uma abordagem ou de outra comprometeria a compreensão mais elaborada da realidade estudada. Em relação ao debate metodológico que aconteceu no final do século XIX, na comunidade acadêmica alemã, Weber se pronunciou contrário às conclusões de Windelband e de Rickert, especialmente sobre os dois métodos de pesquisa propostos - generalizante e individualizante - do qual derivam estas categorias para as ciências - nomotéticas (classificação que aborda os aspectos gerais, normalizadores ou tipos ideais) e idiográficas (que lida com casos individuais completos), ciências da natureza e ciências da cultura.

Segundo Freund (1987), Weber assim entende esta questão:

A seu ver não existe, por exemplo, nenhuma razão para se classificar a psicologia entre as ciências da natureza e não entre as da cultura. Nada mais contestável do que reservar um desses métodos a uma série de ciências e o outro a outra série. Ao contrário, qualquer ciência utiliza, ao sabor das circunstâncias, um e outro desses caminhos.

Qualquer que seja o método adotado, cada um faz uma seleção na infinita diversidade da realidade empírica. Dessa forma, por causa do seu fim, o método generalizante despoja o real de todos os aspectos contingentes e singulares, reduzindo as diferenças qualitativas a quantidades que podem ser medidas com precisão e podem formar uma proposição geral de caráter legal. O método individualizante omite os elementos genéricos, a fim de dirigir sua atenção apenas aos caracteres qualitativos e singulares dos fenômenos. Neste sentido, um e outro se afastam da realidade por força das necessidades de conceituação, sem a qual não poderia haver conhecimento científico. Por conseguinte, nada nos permite dizer que, em confronto com a realidade, um desses métodos seria mais viável, mais exato ou mais completo do que o outro.

Sendo o método uma técnica do conhecimento, é comandado pela lei de toda técnica, ou seja, a eficácia. Não se poderia dizer a priori que determinado processo é melhor do que outro; tudo depende do faro do sábio, do sentido da pesquisa e da habilidade na aplicação, de maneira que somente os resultados obtidos decidem retrospectivamente sobre sua validade. Não somente não existe método



universal, como também a oportunidade de um processo varia de acordo com os problemas a resolver: eficaz em um caso, ele pode fracassar em outro análogo (FREUND,1987, p. 35).

Outro clássico do pensamento sociológico, Karl Marx, trouxe uma importante contribuição às ciências sociais, pois sua obra permitiu a compreensão dos fenômenos sociais, como historicamente determinados e resultantes da luta de classes geradas pelas relações econômicas, a partir da exploração do trabalho humano. A visão de Marx e da sua dialética marxista, em relação à problemática da abordagem qualitativa e quantitativa, considera que estes dois aspectos são essenciais ao entendimento da realidade humana, pois:

(...) a qualidade dos fatos e das relações sociais são suas propriedades inerentes, e que quantidade e qualidade são inseparáveis e interdependentes, ensejando-se assim a dissolução das dicotomias quantitativo/qualitativo, macro/micro, interioridade e exterioridade com que se debatem as diversas correntes sociológicas. Portanto, em relação à abordagem qualitativa, o método dialético, como diz Sartre, recusa-se a reduzir. Ele ultrapassa conservando (MINAYO, 1996, p. 11-12).

Os primeiros estudos de Durkheim influenciaram, fortemente, os trabalhos sociológicos do final do século XIX e do começo do século XX, apresentando uma abordagem quantitativa com modelos estatísticos, na organização e análise multivariada dos dados levantados. Entretanto, em pesquisas “posteriores, Durkheim passa a utilizar um novo enfoque metodológico, representado pela adoção da abordagem etnográfica”. (GODOY, 1995, p. 60)

A perspectiva qualitativa na pesquisa possibilita ao pesquisador desvelar e interpretar a fala dos entrevistados, pois, como explicita Teresa Maria Frota Haguette, essa linha “(...) fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais” (HAGUETTE, 1992, p. 63). A análise qualitativa é essencial para o entendimento da realidade humana, das dificuldades vivenciadas, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos envolvidos, constituindo-se um suporte teórico essencial.

Tanto a abordagem qualitativa, quanto a quantitativa, dentro de suas especificidades, servem como base de apoio para a análise de dados. Os “... métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. (Ibid. p. 63).

Todavia, é importante que o pesquisador situe em que campo se insere seu trabalho, bem como o potencial e/ou limites dos métodos qualitativos e quantitativos. Nesse sentido, Dal-Farra e Lopes, referindo-se à contribuição dos métodos na pesquisa educacional, dizem-nos:

(...) os estudos quantitativos e qualitativos possuem, separadamente, aplicações muito profícuas e limitações deveras conhecidas, por parte de quem os utiliza há longo tempo. Por esta razão, a construção de estudos com métodos mistos pode proporcionar pesquisas de grande relevância para a Educação como corpus organizado de conhecimento, desde que os pesquisadores saibam identificar com clareza as potencialidades e as limitações no momento de aplicar os métodos em questão (DAL-FARRA; LOPES, 2013, p.71).

Para autores como Alves (1991), Lincoln e Guba (1985), Marshall e Rossman (1989) e Yin (1985), três importantes momentos devem ser levados em consideração, quando se opta por esta abordagem qualitativa: a) a fase de exploração da pesquisa; b) a fase da investigação; c) a análise dos resultados finais e elaboração do texto final.

A fase de exploração tem por objetivo, a partir do envolvimento do pesquisador com o objeto a ser pesquisado, dar uma visão abrangente e sem distorções do problema a ser trabalhado, procurando contribuir para o desvelar das questões. Os pesquisadores da linha qualitativa etnográfica, nesta fase exploratória, nos sugerem que “... se registre o maior número possível de observações, pois aspectos característicos ou inusitados de uma dada ‘cultura’ (que pode ser uma escola, uma favela), com a convivência, vão perdendo o relevo, passando a fazer parte da paisagem” (ALVES, 1991, p. 58). Quando o pesquisador já estiver de posse das informações, por ele consideradas suficientes e relevantes,



passa-se à fase de investigação, na qual se trabalha a obtenção sistemática de dados que são levantados através de instrumentos de pesquisa, como questionários, entrevistas e observações de campo.

Por último, vem a fase da análise de resultados e a redação final de texto. Este é um momento da pesquisa em que todos os dados levantados passam por uma avaliação e checagem, visando à sua confiabilidade para que possam fazer parte do texto final. As atividades da avaliação e checagem ocorrem, entretanto, ao longo de todo o processo de pesquisa, não sendo, assim, exclusivas desta fase.

Para Alda J. Alves, os investigadores qualitativos fazem parte de um universo, em que o “... conhecedor e conhecido estão sempre em interação e a influência dos valores é inerente ao processo de investigação”. E continua esclarecendo que não se deve “... deixar de valorizar a imersão do pesquisador no contexto, em interação com os participantes, procurando apreender o significado por eles atribuídos aos fenômenos estudados” (Ibid. p. 55).

O estado e a tendência das ciências sociais no Brasil foram discutidos por Thiollent (1986), após uma experiência de mais de doze anos de ensino e de prática da questão metodológica em nosso país. Segundo ele, a metodologia é usualmente relegada a uma posição de menor destaque, uma vez que as teorias são mais valorizadas do que os instrumentos utilizados para a pesquisa. Thiollent observou que o mundo acadêmico das ciências sociais, no Brasil, está dividido em dois grupos: um influenciado pela visão funcionalista e adepto de técnicas empíricas e quantitativas, que utiliza questionários como instrumentos de investigação e faz sua análise baseada em elementos de estatística descritiva; e outro formado por pesquisadores influenciados pelas correntes marxistas e fenomenologistas, favorável às abordagens qualitativas com viés participativo, seja de forma crítica ou teórica. Os métodos mais utilizados por este segundo grupo, em áreas diversas, como a educação, a comunicação e o serviço social, são a pesquisa participante e a pesquisa-ação.

Thiollent (1986) ressalta uma tendência das ciências sociais no Brasil de assumir a abordagem qualitativa junto com a quantitativa, constatando uma crescente utilização de técnicas estatísticas pelos pesquisadores sociais para o tratamento de dados em função da simplificação de softwares estatísticos.

## CONCLUSÃO

Na verdade, as duas abordagens de pesquisa — qualitativa e quantitativa — são convergentes em muitas pesquisas científicas realizadas, sendo o contexto o elemento definidor de qual caminho seguir, ou seja, em qual dos aspectos será colocada uma ênfase maior. Por exemplo, nos casos de “problemas pouco conhecidos” e com “pesquisa de cunho exploratório”, a abordagem quantitativa mostra-se mais indicada. Já na situação em que “o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada” (GODOY, 1995, p. 63).

DEMO (1995, p. 23), ao afirmar que a “realidade social é natural, ou seja, objetivamente dada e, em parte, é fenômeno próprio, ou seja, subjetivamente construído pelo ator político humano”, não considera que deva haver dicotomia entre a abordagem qualitativa e a quantitativa. Ambas complementam o entendimento que o sujeito tem do objeto estudado.

Para que seja possível findar ou reduzir estas controvérsias, sobre qual a melhor abordagem ou qual permite uma representação mais próxima da realidade, WILSON (1986) propõe que:

os pesquisadores abandonem quatro considerações fundamentais que permeiam as discussões correntes: que a classificação nomotética-idiográfica é significativa nas ciências sociais; que a base metodológica das abordagens quantitativa e qualitativa é distinta; que as perspectivas qualitativa e quantitativa são alternativas verdadeiras; e que a objetividade é uma característica do conhecimento que deriva do uso conjunto de regras específicas de procedimento (WILSON, 1986, p. 38).

Com estas proposições, Wilson (1986) mostra, em seu trabalho, que é possível uma aproximação entre a ciência nomotética e a idiográfica, e que existe uma homogeneidade das abordagens utilizadas, já que não existe uma real distinção entre estas perspectivas, tendo como consequência a interdependência das abordagens, pois que são, na verdade, complementares.



Além disso, mostra que a objetividade ansiada pelos pesquisadores serve para satisfazer os requisitos de coerência externa e interna da pesquisa, não devendo o método ser percebido como uma camisa-de-força ou um paradigma, mas como um caminho possível que o pesquisador pode trilhar em busca da representação do seu objeto de estudo — o fato social.

Nessa direção, Cano (2012), em seu provocante texto *Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil*, nos diz com singular propriedade sobre as controvérsias entre os métodos:

com efeito, diversas pesquisas bem sucedidas utilizam técnicas eminentemente qualitativas em conjunto com outras quantitativas, por exemplo, conduzindo entrevistas ou grupos focais para preparar um questionário ou para ajudar a entender os resultados do survey. Em suma, ambas as abordagens podem ser consideradas complementares muito mais do que antagônicas, a despeito do esforço de alguns para enfatizar a dicotomia” (CANO, 2012, p. 110).

E continua aprofundando a questão que, como ele mesmo atesta, são frutos de sua vivência como professor de métodos nas Ciências Sociais, destacando que suas afirmações, porém, devem ser entendidas como uma provocação para futuras reflexões e indagações. Dessa forma, para Cano (2012),

(...) a incúria da metodologia de pesquisa nas ciências sociais brasileiras acaba provocando uma severa restrição metodológica nos alunos, obrigados a contar com um arsenal metodológico limitado e a recorrer a uma ou poucas técnicas de pesquisa de forma sistemática. Nessa mesma medida, eles e elas precisam ou restringir os temas estudados ou aplicar a técnica que conhecem a temas ou contextos para os quais ela não é propriamente adequada.

Enquanto os cientistas sociais se autolimitam deliberadamente, o espaço é ocupado por economistas, por engenheiros ou arquitetos em temas urbanos, por epidemiologistas em temas de saúde e por outros profissionais com menos preconceitos metodológicos.

Nenhum dos clássicos ritualmente citados nas salas de aulas das ciências sociais brasileiras manifestou tais restrições nas suas abordagens metodológicas. Quem sabe não está na hora de se voltar aos clássicos (CANO, 2012, p. 117).

Ancorado pelas discussões travadas ao longo do texto, concluímos que não se trata de pôr a pesquisa qualitativa e quantitativa em campos opostos, o que tem alimentado um amplo debate entre metodologias de investigação. Cabe ao pesquisador escolher quais abordagens teórico-metodológicas podem dar uma maior contribuição, para se alcançar os resultados pretendidos. A combinação, portanto, de metodologias distintas favorece o enriquecimento da investigação. Assim sendo, o concerto dessas abordagens, garante uma complementariedade necessária neste intenso e persistente trabalho de análise do objeto de estudo.

#### Notas

- 1 As ciências matemáticas, ou lógico-matemáticas, incluem - entre outras - ramos da matemática como aritmética, geometria, álgebra, trigonometria, além da lógica, física pura, astronomia pura (CHAUÍ, 2000, p. 260).
- 2 As ciências naturais tratam de duas ordens de fenômenos: os físicos ou coisas, seres inanimados, na qual se estudam a física, química, astronomia; e os fenômenos vitais, ou organismos vivos, abrangendo a biologia e suas diversas áreas específicas (CHAUÍ, 2000, p. 263).
- 3 As ciências sociais, também conhecidas como humanas, usualmente abrangem a educação, história, sociologia, antropologia, administração, economia e direito (CHAUÍ, 2000, p. 267).
- 4 As ciências sociais surgiram no século XIX.
- 5 Corrente de pensamento que possui uma crença inabalável nas possibilidades da ciência vista como a solução de todos os problemas da nossa realidade social. O positivismo vê a ciência como entidade a-histórica, sem considerar a filosofia e a história das sociedades humanas, com suas culturas e valores próprios de cada época. Utiliza regras rígidas para a pesquisa, como por exemplo, na definição do método e da amostra, e na validação e tratamento de dados.
- 6 A etnografia pode ser considerada como um método, no sentido de técnica de trabalho. Centralizada sobre a noção de observação participativa, a etnografia utiliza diversas técnicas de trabalho de campo, como as



- práticas de conversação, o diálogo etnográfico e as técnicas de inquérito em geral, histórias de vida e trabalhos de pesquisa-ação.
- 7 O materialismo histórico é uma teoria elaborada por Marx, sobre toda e qualquer forma produtiva criada pelo homem de acordo com seu ambiente ao longo da história, onde se evidencia que os acontecimentos históricos são determinados pelas condições materiais econômicas da sociedade. Dentre os conceitos básicos do materialismo histórico, revelam-se as questões das forças produtivas, relações de produção, modo de produção, meios de produção, infra-estrutura, super-estrutura, classe social, luta de classes. A história vista, até então, como uma simples narração de fatos históricos, foi revolucionada por esta perspectiva de se interpretar a ação dos homens na história, abrindo ao conhecimento, uma nova ciência e, aos homens, uma nova visão filosófica do mundo.
  - 8 A fenomenologia nasceu a partir das análises de Brentano e Husserl sobre a intencionalidade da consciência humana, e trata de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção. O método fenomenológico se define como uma “volta às coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como objeto intencional. Seu objetivo é chegar à intuição das essências, ou seja, ao conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos, captado de forma imediata. Toda consciência é “consciência de alguma coisa”. As essências ou significações (noema) são objetos visados de certa maneira pelos atos intencionais da consciência (noesis). As coisas caracterizam-se por terem uma história, porém, a fenomenologia sempre tem que começar de novo pela possibilidade de sempre serem visadas por consciências novas que as enriquecem e as modificam.
  - 9 Em relação à realidade, Weber entende que esta é incomensurável, pois o real é infinito e inesgotável. Assim sendo, o conhecimento sobre a realidade gerado pelo pesquisador é apenas uma aproximação do real (FREUND, 1987).
  - 10 Nesse debate, tem-se por base uma disputa metodológica sobre o estatuto das Ciências Humanas, no qual se questionava se o método de investigação teria que ser o mesmo adotado pelas Ciências da Natureza ou, ao contrário, se as Ciências Humanas deveriam criar um método próprio. Essa discussão terminou por levar o debate para a classificação das ciências.

## Referências

- ALVES, Alda Judith. O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 77, maio/1997.
- CANO, Ignacio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. Sociologias, Porto Alegre, ano 14, n. 31, set./dez. 2012, p. 94-119. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v14n31/05.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia Moderna. 12ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DAL-FARRA, Rossano André Paulo; LOPES, Tadeu Campos. Métodos Mistos de Pesquisa em Educação: pressupostos teóricos. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2698>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3ª edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Atlas: 1995.
- DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.
- FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa - tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: RAE, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: RJ, Vozes, 1992.
- HUGHES, John. A Filosofia da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de S. O Desafio do Conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: HICITEC - ABRASCO, 1996.
- HUGHES, John. A Filosofia da Pesquisa Social. In: TENÓRIO, Robinson M. Abordagens Alternativas de Pesquisa. Feira de Santana: UEFS, s.d. (mimeo).





- LINCOLN, Yvonna; GUBA, Egon. *Naturalistic Inquiry*. Beverly Hills: Sage Publisher, 1985.
- MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen. *Designing Qualitative Research*. Beverly Hills: Sage Publisher, 1989.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 16ª edição. Petrópolis: RJ. Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Desafio do Conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde*. 4ª edição São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC - ABRASCO, 1996.
- THIOLENT, Michel. *Note sur les Tendances Methodologiques des Sciences Sociales au Bresil*. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, n. 10, avril/1986, p. 52-53.
- WILSON, Thomas. *Qualitative "Versus" Quantitative Methods in Social Research*. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, n. 10, avril, 1986, p. 25-51.
- YIN, Robert. *Case Study Research: design and methods*. Beverly Hills: Sage Publisher, 1985.

